

O Nobre e o Rei: A Influência de Galaaz na Elaboração da Imagem de Nun'Álvares Pereira

Profa. Dra. Adriana Zierer

Departamento de História e Geografia
Universidade Estadual do Maranhão
medievalzierer@terra.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os elementos das figuras de Nun'Álvares e D. João I elaborados por Fernão Lopes na *Crónica de D. João I*, com base na literatura arturiana, em especial a ligação entre D. Nuno e Galaaz, inspirada no romance de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*. D. Nuno é um representante do cavaleiro cristão e do modelo de nobre desejado pela dinastia de Avis: fiel, obediente e submisso ao rei.

Palavras-Chave: Galaaz, cavaleiro cristão, Fernão Lopes

Abstract

This paper aims to present the elements of the images of Nun'Álvares and John I, of Portugal, elaborated by Fernão Lopes in his *Chronicle of John*, based in the Arthurian literature, more specifically on the connection between Nuno and Galahad, inspired in the chivalry romance *The Quest for the Holy Grail*. Nuno is an example of the Christian knight and the model of nobility desired by the Avis' Dynasty: faithful, obedient and submissive to the king.

Keywords: Galahad, Christian knight, Fernão Lopes



Figura 1. Nuno Álvares Pereira e o Mosteiro da Batalha (Lisboa)

se ele (D. João) era o braço que agia para garantir a soberania da cabeça (o rei), esta não podia ter a veleidade de se intrometer no seu campo próprio, o da pura ação. Ou por outras palavras: como rapidamente terá percebido o rei, na guerra o chefe era um só (D. Nuno), e embora buscasse ritualmente a sanção real, prévia ou posterior, para os seus atos, as decisões cabiam-lhe tão de direito como os aplausos pelos resultados que obtinha.” (Amado 1991: 61)

INTRODUÇÃO

Em 1383-1385 D. João I assumiu o poder político em Portugal com o cargo de regedor. Era apoiado pelos burgueses, pela população de Lisboa e pelos nobres secundogênitos, que não possuíam terras. Ele era na época Mestre de Avis e tinha origem bastarda. Por isso Fernão Lopes na *Crônica de D. João I* criou no seu relato a figura de um rei modelar e junto a ele o seu fiel companheiro, Nuno Álvares Pereira, seu comandante militar. De acordo com a justificativa do cronista, D. João era o “Messias de Lisboa”, com a função de “salvar” os portugueses do domínio castelhano. É bom lembrar que no final do século XIV ainda não havia sentimento de nacionalidade em Portugal e por isso, boa parte da nobreza portuguesa apoiava D. João de Castela, casado com a filha do finado D. Fernando (1367-1383), que, pelo Tratado de Salvaterra dos Magos pretendia assumir o trono português. No seu relato, Fernão Lopes apresenta D. João como bom cristão, por apoiar o papa de Roma, ao passo que seu oponente castelhano é visto como um herético e cismático, por apoiar o papa de Avignon.

Neste período havia dois papas na Cristandade, um em Roma e outro em Avignon devido ao chamado Cisma do Ocidente (1378-1417) e Fernão Lopes usou o contexto religioso para legitimar D. João, o apoiante do “bom” papa, segundo os seus

escritos. Segundo o cronista, D. João era apoiado pelos “verdadeiros portugueses”, compostos principalmente pelos “miúdos”, os quais eram contrários ao domínio de Castela.

Em 1385 D. João I foi eleito rei pelas cortes de Coimbra, mas D. Nuno coagiu os votantes a elegerem-no. Assim, o relato de Fernão Lopes redigido já após a morte do monarca, entre os anos de 1440 e 1448, visava justificar simbolicamente a figura de D. João I, o iniciador da Dinastia de Avis, criticar o comportamento da maior parte da nobreza portuguesa e apresentar D. Nuno como modelo de nobre ideal, defensor do rei, submisso a ele e principalmente fiel à nova Dinastia, com um conjunto de qualidades que deveriam ser seguidas pelos demais súditos da coroa portuguesa. Seus atributos estão bastante ligados à figura do cavaleiro cristão ideal do romance de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*: Galaaz.

NUNO ÁLVARES PEREIRA E GALAAZ

Nuno Álvares Pereira representa um novo modelo de nobreza concebido por Fernão Lopes em seu relato. Este modelo contrapunha-se à nobreza tradicional, que é apresentada como traiçoeira e ligada a interesses materiais, sendo por isso, reprovada pelo cronista. Já D. Nuno é o exemplo da nobreza devotada ao eleito de Deus e à “causa portuguesa” de libertar Portugal de Castela.

A *Crónica de D. João I* reserva várias partes para descrever as ações deste nobre. Além de modelo militar é também um exemplo de virtude. D. Nuno personifica o nobre ideal, o qual lutava contra os ‘cismáticos e heréticos’ representados por D. João de Castela. Este cavaleiro é quase que um enviado de Deus, significando, na narrativa, a ‘boa oliveira portuguesa’ em oposição aos ‘enxertos tortos’, isto é, a nobreza tradicional que seguia o direito feudal e era favorável a D. João de Castela. Este artigo é dedicado a explicar com mais detalhes os modelos representados por D. Nuno e D. João.

O rei D. João I é mostrado no relato de Fernão Lopes com algumas fraquezas. Havia inicialmente ficado indeciso em matar o conde de Andeiro (tido como amante da rainha viúva D. Leonor, que era a regente de Portugal após a morte do marido). Além disso, demonstrou, num primeiro momento, medo de ficar em Portugal e o desejo de partir do reino por temor das perseguições após a morte de D. Fernando. Já em contraponto com o rei, as ações de Nuno Álvares são sempre louváveis, marcadas pela coragem e firmeza de posições.

É possível afirmar ainda que o herói da *Crónica*, Nuno Álvares Pereira foi claramente inspirado na figura de Galaaz, o cavaleiro perfeito que consegue levar a cabo as aventuras em *A Demanda do Santo Graal*. D. Nuno age durante todo o relato como um escolhido, cuja “demanda maior” é a salvação do reino de Portugal a partir de sua capacidade de conduzir o exército português.

Suas qualidades estão relacionadas à sua linhagem. Sua mãe é apresentada como mulher devota e casta, a qual, posteriormente, apóia o filho e o estimula a seguir o Mestre de Avis. Sobre a mãe de Nun’Álvares:

E esta foi mui nobre dona quamto a Deos e ao mundo viv~edo em gramde castidade e abstinência, fazemdo muitas esmollas e grandes jeju~us, nom comemdo carne nem bevemdo vinho per espaço de quare~eta annos (CDJ, I: 66).

Pode-se notar sempre, dentre as características louvadas no medievo porque consideradas mais próximas de Deus, a abstinência sexual e o comedimento nas

atitudes, evitando pecados como o da gula e a luxúria, como no caso da mãe de D. Nuno. Podemos lembrar aqui de um *exemplum* que circulou em Portugal no século XV a *Visão de Túndalo*, no qual o personagem do título é criticado pelo anjo por não freqüentar as missas, não dar esmolas e pela dedicação aos prazeres mundanos. Já os fiéis mais próximos das práticas indicadas pela Igreja, como D. Nuno e sua mãe, além de serem piedosos, procuram também exercer a castidade, seguindo o modelo prescrito pelos *oratores*.

É possível afirmar que um dos modelos que influenciou a construção do cavaleiro perfeito por Fernão Lopes foi o *modelo hagiográfico*. Os santos caracterizam-se por sofrimentos, privações, mostras de coragem. A *Crónica do Condestável* vai dizer que se sua mãe já era boa, o filho foi “santo”.

Tal como ocorrera com D. João, as características positivas de D. Nuno são previstas logo no seu nascimento para depois serem confirmadas. Assim, o pai do nobre, o prior D. Álvaro Gonçalves Pereira era voltado às ciências e prevê que *um dos filhos jamais seria vencido em combate*:

segundo contam em algu~us comtam (...) como [D. Álvaro] era sisudo e emtemdido, assi dizem que era astrollogo e sabedor; e quamdo lhe algu~us filhos naçiam, trabalhavasse de veer as naçemças delles; e **per sua sçiemçia emtemdeio que avia daver hu~u filho, o quall seria sempre vemçedor em todollos feitos darmas em que sse acertasse, e que numca avia de ser vemçido** (CDJ, I: 66).¹

O pai de D. Nuno considerou que este filho seria D. Pedro Álvares. Porém, Fernão Lopes afirma que havia outra opinião com a qual ele concordava mais acerca de qual filho do prior teria como característica a invencibilidade. Neste segundo relato, D. Álvaro havia consultado outro homem, Tomás que fez a previsão de que seu filho Nuno Álvares Pereira seria sempre vencedor nas batalhas.

Portanto, havia uma profecia com relação aos eleitos sobre o destino de Portugal que conjugam as duas principais forças na assim chamada Revolução de Avis. D. Nuno estava destinado a, tal como os heróis dos romances cavaleirescos, jamais perder uma batalha. É bom lembrar que ele é o exemplo do herói sem máculas. Jamais uma atitude sua sofre censura. Pelo contrário, D. João tende a concordar com suas decisões acerca da guerra embora várias vezes outros cavaleiros tentassem construir intrigas entre o futuro rei e seu chefe militar.

Outro predestinado é D. João, que teve a escolha confirmada no sonho do pai, D. Pedro, sobre o imenso fogo que seu filho apagava (numa metáfora que pode ser interpretada como a de este realizaria a salvação de Portugal). Outro sonho ainda mais poderoso a confirmar a profecia é emitido por frei da Barroca, o religioso que tem a visão de que D. João se tornaria rei e recebe a incumbência divina de tomar uma nau e ir até Lisboa contar o fato ao futuro monarca.

Assim, os dois heróis, responsáveis pelo desfecho dos fatos na *Crónica de D. João I*, estão destinados, através das profecias, a salvar Portugal. Tal fato é ainda enfatizado através dos milagres e sinais, confirmando esta eleição divina no relato de Fernão Lopes. Se pensarmos na estrutura do romance de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, é possível notar várias correspondências ou pontos em comum com a estrutura narrativa da crônica.

Naquele romance, Galaaz é o predestinado a ser o herói das aventuras e o escolhido de Deus e esta condição é atestada por vários acontecimentos. Diversos rituais confirmam a sua eleição como o melhor cavaleiro do mundo e escolhido de Deus: senta no assento perigoso, retira a espada do pedrão (prova equivalente a de Artur em outros

relatos, aqui significando soberania espiritual), recebe uma segunda espada, a espada da estranha cinta, destinada àquele que encontraria o Graal. Por não possuir pecados, Galaaz encontra o Santo Vaso e cura o Rei Pescador, chegando a ser rei em Sarras, onde estava o Graal. Tal qual D. Nuno, jamais é vencido por nenhum inimigo.



Figura 2. Galahad (Galaaz) senta no assento perigoso. Ilustração do Manuscrito *Li Roumans du bon Chevalier Tristan*. Ms. F. 99. f. 563 r. França, século XV. Biblioteca Nacional da França (BNF)

Nuno Álvares Pereira, o futuro comandante militar de D. João I, é explicitamente comparado a este cavaleiro na *Crónica do Condestabre* (CC), sendo apresentado como admirador da castidade, atributo daquele Galaaz, e só tendo se casado por imposição paterna, de acordo com a crônica a ele dedicada:

Assim cresceu, andando a monte e à caça, sem entender em amor de mulheres, coisa que não lhe chegava ao coração. Tinha sim, em grande gosto **ouvir e ler livros de histórias, e mais que nenhuma, a de Galaaz e de Távola Redonda. E como ali soubesse que, por virtude de não casar, Galaaz lograra acabar tão grandes e tão notáveis feitos, desejava também ficar solteiro**, pois via o rei [D. Fernando] ameaçado dos inimigos e sonhava livrá-lo com nobres façanhas de cavalaria. Porque então a honra dos fidalgos estava em amar e ser fiel a seus senhores ou reis, fonte de todos os seus bens e privilégios (CC, 1972: 20-21).

Na *Crónica de D. João I*, o cronista reproduz esta passagem, inspirado na *Crónica do Condestabre*, que foi a principal fonte utilizada por Fernão Lopes em seu relato (AMADO, 1991: p. 51). Segundo o cronista:

(...) desi cavallgar a mōte e a caça, nom entemdendo em amor de nehu~ua molher, nem tamsosamente lhe viinha per maginaçom; mas liia ameude per livros destorias espeçialmente de Galaaz que falla da Tavolla Redomda. E Porque em ellas achava, que **per virtude de virgi-idade de**

Galaaz acabara grandes e notavees feitos, que outros acabar nom podiam, **desejava muito de o semelhar em algu-ua guisa**; e muitas vezes **cuidava em ssi, de seer virgem se lho Deos guisasse**. E por tamto era muito afastado do que lhe seu padre fallara em feito de casamento (...)(CC, 1972: 69)

Como podemos ver, assim como na França, o mito arturiano em Portugal foi também utilizado como modelo de conduta da nobreza. O relato sobre D. Nuno se aproxima muito da descrição de Galaaz em *A Demanda do Santo Graal*. O condestável por sua vez estava ligado às ordens militares por ser filho do prior da Ordem do Hospital, D. Álvaro Gonçalves, sendo que para estas instituições também era importante apresentar-se como um modelo de cavaleiro perfeito.

Fica claro dentre as qualidades de D. Nuno o desejo de permanecer virgem. É bom lembrar que justamente por ser virgem e sem pecados que Galaaz é o cavaleiro eleito para encontrar o Graal. A virgindade e o celibato eram muito valorizados no período medieval e desde a Reforma Gregoriana passou-se a exigir como norma o celibato dos clérigos, considerados sem máculas por estarem afastados do esperma (representado pelo sexo) e do sangue (as guerras) embora tal exigência nem sempre fosse cumprida pelos elementos da Igreja (um dos motivos pelos quais a Peste foi vista como um castigo divino pela população).

Interessante sobre a figura de Galaaz é que ao contrário de Persival, seu companheiro em *A Demanda do Santo Graal*, ele não se sente sequer tentado por uma mulher. Oportunidades não lhe faltariam. Ao se abrigar num castelo, uma donzela fica perdidamente apaixonada por ele. À noite, procura-o em seu leito, e deita ao seu lado. Como ele negasse qualquer contato com ela, a moça se mata com sua espada. O pai da donzela considera o nobre culpado pela morte da filha e empreende um ataque contra o cavaleiro e seus companheiros. Mas o Juízo de Deus (órdalio) se faz: Galaaz é vencedor do combate, sinal, entendido naquela época, como prova de verdade².

Este exemplo mostra porque D. Nuno não queria casar-se. Mais tarde, inspirado no mesmo modelo, D. Sebastião não sente desejo em contrair matrimônio e acaba por morrer na batalha de Alcácer Quibir sem deixar herdeiros. Portanto, *A Demanda do Santo Graal* influenciou modelos cavaleirescos seguidos na sociedade portuguesa até pelo menos o século XVI. A virgindade era considerada uma maneira de um nobre tornar-se superior aos demais e agradável aos olhos de Deus, motivo pelo qual este modelo, inspirado em Galaaz, foi seguido por D. Nuno durante um período de sua vida e também por D. Sebastião (MEGIANI, 2003: 64).

Na *Crónica do Condestabre* e também na de *D. João I* fica reforçado o fato de D. Nuno casar-se por imposição paterna uma vez que era muito “obediente”. Antes disso pediu que a mãe intercedesse para que o pai consentisse em que permanecesse celibatário, mas como não conseguiu, aceitou o casamento. Interessante sobre o relato das crônicas, é que, embora sua mulher fosse “viúva”, continuava virgem, o que mostra que também era “pura”, merecendo por isso casar-se com aquele bom cavaleiro. Segundo Fernão Lopes:

allii conheceo NunAlvarez dona Lionor sua molher (...) **ella verdadeiramente era domzella, ca o seu primeiro marido numca della ouve tall conhçimento**, o que ella sempre bem emcubrio por sua grande boomdade (CDJ, I: 70).

Sobre as características de D. Nuno, a fonte afirma que:

NunAllvarez **era de pouca e bramda pallavra**, e seu boom gasalhado e doces rrazoões comtentava muito a todos. Elle era mais môteiro que caçador, como quer que de todo husasse quamdo compria (...) **Nehu~ua cousa fazia com rrancor ou hodio** (...) como quer que nom tanto que sempre em ell nom fosse **o temor de Deos, ouvimdo suas missas e vivendo bem e honestamente com sua molher**, da qualll ouve três filhos (...) (CDJ, I: 70-71)

A mãe de D. Nuno possui qualidades marianas. Desde o início ela apóia o filho quando este diz que quer seguir o partido de D. João:

Filho, eu vos rrogo e vos emcomemdo por a minha beemçõ, que pois vos escolhestes o Meestre pera o servir e ficar com elle, que vos o sirvaees sempre b~e e verdadeiramente, e vos nom partaees delle em nehu~ua guisa, por cousa que aviir possa (...)(CDJ, I: 77)

No final da vida D. Nuno adota outra postura dos cavaleiros da *Demanda do Santo Graal*, retira-se da vida mundana e ingressa na vida religiosa como forma de purificação.

D. Nuno funda o mosteiro do Carmo. Após a sua morte é dito que foram feitos muitos milagres no local e que de seu corpo saía um bom odor, característica dos santos (CC, 1972: 217 e 228).

Ao afirmar que Nuno Álvares Pereira é o *modelo de cavaleiro*, é necessário falar um pouco deste grupo. A palavra cavaleiro vem do termo latino *miles*, utilizado a partir do ano 1000 nas línguas vulgares para distinguir uma nova categoria social do resto dos homens, o *chevalier*, *Ritter* ou *knight* (DUBY, 1997: 229-233).

Em fins do século XI, a cavalaria sacralizou-se com a bênção da espada, o ritual da velada das armas e com o advento das Cruzadas. Nesta época o cavaleiro é o detentor dos instrumentos necessários para vencer o combate, graças à superioridade do cavalo, da armadura e das armas. Ele chega a esta condição através de um rito, a sagração (*adoubement*), momento no qual após ter atingido sua educação militar e através de uma cerimônia, ascendia à posição de defensor da paz. Na França este grupo rapidamente se tornou hereditário ao receber feudos em troca dos serviços prestados, ocorrendo ali uma fusão entre cavalaria e nobreza.

A Igreja tentou também transformar o cavaleiro num *miliciano de Deus*, um defensor dos pobres, viúvas e do clero embora saibamos que isto na maior parte das vezes não ocorria, e estimulou-os para fora da Europa nas Cruzadas contra os infiéis ou dentro da própria Europa contra os hereges (Ex: Cruzada contra os Albigenses) e muçulmanos (Reconquista da Península Ibérica). O cavaleiro que fosse para a Cruzada recebia da Igreja o perdão por seus pecados. Para São Bernardo, o modelo de perfeição era o monge-cavaleiro e por isto ele deu grande apoio ao surgimento das Ordens Militares, como a dos Templários.

Na literatura criou-se o *modelo do cavaleiro cortês*, que pode ser bem exemplificado através do herói criado no século XII por Chrétien de Toyes no poema o *Cavaleiro da Carreta*. Este herói, Lancelot do Lago, possui as características de leal, valente, cortês e generoso, pois a cavalaria como instituição ligada à nobreza desprezava a atividade produtiva e valorizava a largueza demonstrada em festins e torneios.

O cavaleiro cortês é um jovem totalmente dedicado a sua dama, capaz de fazer qualquer sacrifício por ela. Cabe explicitar com detalhes esta narrativa, pois o modelo do cavaleiro cortês será contraposto ao modelo do *cavaleiro cristão*, representando por Nuno Álvares Pereira.

Na narrativa de Chrétien, a história se inicia com o rapto da rainha Guinevere, a esposa do rei Artur, por Meleagant, que a conduz ao reino de seu pai. Três cavaleiros da corte de Artur tentam resgatar Guinevere: Kai, o senescal de Artur e seu irmão adotivo, Gawaine, seu sobrinho, e Lancelot do Lago, o cavaleiro. Só este obtém sucesso na empreitada.

Inicialmente, Lancelot é convidado a viajar numa carroça, fato considerado ultrajante para um cavaleiro, para que pudesse saber o paradeiro da rainha. Ele consente em ser transportado dessa forma, mas hesita pelo espaço de dois passos, motivo pelo qual será punido pela rainha mais tarde, pois duvidou por um momento na sua fidelidade a ela. Depois, passa por diversas aventuras, nas quais pode provar o seu valor como guerreiro, vencendo todos os oponentes.

Algumas passagens de Chrétien sintetizam as qualidades do cavaleiro. O autor afirma que: “*quando Lancelot vem a combate, ele sozinho vale vinte dos melhores*”, e também que, “*ele venceu e sobrepujou todos os cavaleiros do mundo. A ele ninguém se pode comparar!*” (Chrétien de Troyes 1991: 189, 204)

Seu maior desafio é chegar ao castelo do rei Bandemagus, que só podia ser atingido por uma ponte, em forma de uma estreita espada. Lancelot retira seus armamentos, sapatos e passa descalço, machucando-se. Trava combate com Meleagant e é vencedor, mas o rei Bandemagus pede a Guinevere que não permita que Meleagant, seu filho, seja morto. Lancelot e Guinevere consumam a sua paixão. Mais tarde o cavaleiro é aprisionado por traição a mando de Meleagant. Já preso, descobre por sua carcereira sobre a existência de um torneio e pede que ela lhe deixe participar, pois a rainha Guinevere lá estaria presente. Promete depois disso retornar à prisão.

A carcereira consente e Guinevere realiza a sua vingança. Envia mensagem para que Lancelot, que não revelou a identidade no torneio, perdesse todos os combates, o que ele em nome do amor cortês, obedece. Este obedece outra vez e vence o torneio, mas volta para a prisão em cumprimento de seu juramento.

Chrétien não terminou a obra. Outro copista, chamado Geoffroy de Lagny deu um fim ao poema. Meleagant construiu uma torre e lá encerrou Lancelot. Mais tarde, ele foi libertado pela Donzela da Mula. A narrativa termina com um combate final entre Lancelot e Meleagant, este último derrotado e morto pelo herói na corte do rei Artur.

O Cavaleiro da Carreta é um dos modelos literários do século XII de narrativa cortês e apresenta um herói perfeito que realiza todos os desejos da sua dama, realidade completamente diferente da sociedade medieval.

Alguns elementos relevantes desta narrativa são o valor de Lancelot como herói, sua invencibilidade, a participação num torneio e o ato de jurar sobre as relíquias, o que mostra o papel da Igreja na cristianização dos ritos ligados à cavalaria. No entanto, é bom lembrar que o motivo que leva esses nobres a lutarem é o desejo de obter glória pessoal. São nobres leais ao seu suserano e não a uma idéia de amor pela terra, como é o nobre ideal proposto por Fernão Lopes. Se explicamos com detalhes o *Cavaleiro da Carreta* é porque seu modelo se contrapõe às figuras de Galaaz/D. Nuno, que representam o modelo louvado pela Dinastia de Avis: o do *cavaleiro cristão*.

A partir do século XIII, desenvolveu-se na Europa Ocidental o *culto à ancestralidade*, às origens do cavaleiro. Em Portugal a obra composta pelo conde de Barcelos³, o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (1340), tinha o objetivo de apresentar a genealogia da nobreza do reino, ressaltando a sua importância na sociedade. Neste documento, D. Nuno aparece como descendente do mítico rei Ramiro, o que aumentava o seu valor guerreiro (Saraiva 1988: 206).

No século XV, o cavaleiro era ainda uma categoria social de grande destaque na sociedade portuguesa. Com a ascensão da Dinastia de Avis ao poder, muitos nobres

opositores viram-se obrigados a deixar o reino e outros de linhagens de menos importância ascenderam socialmente. A nobreza neste período era dividida em ricos-homens, cavaleiros-fidalgos, infanções e escudeiros. Os *ricos-homens* eram os vassallos diretos do rei, que recebiam dele rendimentos e deviam fornecer um certo número de lanças. Podiam provir da nobreza ou ali entrar através da compra do cargo, pois D. João I (1385-1433) tinha a necessidade de aumentar as fileiras deste grupo com indivíduos de sua confiança (Moreno 1998: 116).

Elementos da antiga nobreza como os *infanções* vinham diminuindo em número devido à alta taxa de mortalidade e a diminuição da taxa de natalidade neste grupo. Outra categoria de nobres eram os *cavaleiros*, possuidores de propriedades nas áreas rurais, que só podiam tornar-se fidalgos após a terceira geração. A partir de meados do século XIV muitos eram provenientes da cavalaria-vilã (Moreno 1998: 117-118). Havia também os *escudeiros*, elementos da nobreza inferior que não conseguiam atingir o grau de cavaleiro devido à insuficiência de bens. Boa parte da nobreza da época foi impulsionada às grandes navegações como forma de controle de sua turbulência e em busca de novos rendimentos.

D. Nuno, o nobre responsável pela vitória nas armas de D. João I na Batalha de Aljubarrota, depois de receber do rei diversos territórios, tem, num segundo momento, estas terras confiscadas pelo rei, que temia que seu poder concorresse com o seu, conforme citam as *Crónica de D. João I* e do *Condestabre*, embora não apresentem isso como motivo. Como forma de sanar os desentendimentos, D. João I propõe o casamento de seu filho bastardo com a filha de D. Nuno.

Como vimos, a cavalaria em Portugal no século XV tem várias particularidades, mas a figura do cavaleiro ainda ocupa um lugar muito importante na sociedade e a salvação é uma grande preocupação dos fiéis. Neste sentido, é importante lembrar que num dos *exempla* que circularam na época em Portugal, *A Visão de Túndalo*, um cavaleiro é mostrado como exemplo de salvação coletiva através da salvação individual que consegue obter após atravessar os três espaços do Além e depois disso, passar a viver uma vida voltada ao modelo do *cavaleiro cristão*. Depois de arrepender-se dos seus pecados, Túndalo abandona a luxúria, divide seus bens e procura adotar os preceitos morais recomendados pela Igreja para obter a salvação de sua alma (Zierer 2003a).

Foi devido à sua posição de nobre é que provavelmente Túndalo é o personagem central escolhido pela Igreja para exemplificar aos demais fiéis como seriam as penas do inferno e a possibilidade do arrependimento para se atingir a salvação e ascender ao Paraíso.

É importante agora analisar o cavaleiro representado por D. Nuno na *Crónica de D. João I*. A figura de Nuno Álvares Pereira é influenciada por dois modelos: o cavaleiresco e o hagiográfico. O modelo cavaleiresco adotado é o *modelo do romance cristão*. Naquele, o herói é Galaaz que aparece no romance de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*. Trata-se de um cavaleiro puro e casto, que é fiel ao rei, devoto e desprendido dos bens materiais. Por seu caráter e pelo desprezo das vãs glórias mundanas é que Galaaz/D. Nuno são escolhidos por Deus e vencem várias batalhas. Aliás, no relato de ambos os personagens não é mencionada nenhuma derrota.

O modelo cavaleiresco de D. Nuno é diretamente contrário ao *modelo do romance cortês*, que é aquele seguido pela nobreza castelhana e pela maior parte da nobreza portuguesa. Este último também pode ser entendido como o da “velha nobreza” criticada por Fernão Lopes. Estes nobres são descritos com atributos negativos associados a palavras como vingança, desejo, vontade e roubo (Accorsi Jr. 1997: 121).

Segundo Accorsi Jr.,

eram dados à **traição, cobiça, falsidade, soberba, inveja, vingança, paixão, intriga, apego a bens e à integridade física**. Enfim, eram, sobretudo, contrários à ortodoxia católica: para ser um verdadeiro português era necessário ser um verdadeiro cristão (Accorsi Jr. 1997: 132).

O herói do romance cortês é Lancelot, o pai de Galaaz e seu oposto, segundo a visão da *Demanda do Santo Graal*. O primeiro embora seja um cavaleiro corajoso e tido na tradição criada por Chrétien de Troyes como o melhor cavaleiro da tábua redonda, capaz de vencer muitas batalhas, ama secretamente a esposa do rei Artur e *trai o rei*.

Segundo Saraiva, na *Demanda* “*é condenada pela base a galanteria cortesã. O amor é considerado pecaminoso, principalmente o amor cortês*” (Saraiva 1988: 69).

Lancelot é avisado por ermitãos que se quisesse encontrar o Graal teria que renunciar o seu amor a Genevra. Chega a sonhar com ele e Genevra queimando no inferno, mas não consegue renunciar a seu amor por ela. Por esse motivo Lancelot não consegue encontrar o Santo Graal no Oriente e fracassa na demanda, além de saber que não encontraria a salvação (Mongelli 1995: 120-129).

A *traição* é o principal comportamento criticado por Fernão Lopes. O novo modelo de nobre deve ser fiel em primeiro lugar à terra de onde ele é natural, isto é, Portugal, e ao monarca português. Vencer batalhas, cometer façanhas e ir atrás de aventuras para conseguir renome, não é o suficiente no novo modelo de nobre proposto pela Dinastia de Avis através do chamado “discurso do paço”⁴. Através deste discurso o rei, auxiliado por nobres ideais à causa portuguesa e pelos ‘miudos’ seria capaz de iniciar os Novos Tempos, isto é, uma nova sociedade baseada na felicidade e justiça social.

A figura de D. Nuno é elogiada em todo o relato da *Crónica de D. João I* e também em outras obras dos príncipes avisinios, como é o caso da *Virtuosa Benfeitoria*, do Infante D. Pedro e também no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte. Ele é o exemplo do *cavaleiro perfeito*, nunca nenhuma atitude sua é criticada. É apresentado como desprovido de ambições políticas, sofre a inveja de outros nobres que apóiam D. João, mas que não conseguem indispor o monarca contra ele, é devoto, dá esmolas, participa de procissões, adotando sempre uma postura digna de louvor.

Quanto a D. João, tal como o rei Artur na *Demanda do Santo Graal* sua figura está sujeita a erros e indecisões. O seu caráter vai se modificando ao longo da crônica. Da indecisão num primeiro momento em matar o Conde de Andeiro, de permanecer em Portugal ou não, passa a ser apresentado como exemplo de nobre modelar e de bom rei, de acordo com o cronista.

O rei Artur também é um personagem que possui falhas humanas. Cometera pecados no passado, como por exemplo, devido ao fato de possuir um filho ilegítimo gerado numa donzela tomada à força e por isso o Graal havia se retirado do seu reino (Zierer 2003b: 37).

D. João assim como Artur personifica os erros do povo português segundo a narrativa do cronista, povo que, em virtude de suas faltas, sofre o Cerco de Lisboa para que mostre através do padecimento que merece ser salvo por Deus. Mas D. João I e o rei Artur, embora pecadores, possuem qualidades excepcionais. O rei Artur é nomeado por um inimigo que a princípio pretendia matá-lo como o “melhor rei do mundo”. D. João, ao longo da crônica terá ressaltadas as suas qualidades: ele é o eleito de Deus, único capaz de salvar Portugal do domínio estrangeiro e por isso, um rei exemplar.

Galaaz, que possui um nome com ascendência bíblica, com o significado de “o puro dos puros”, é escolhido para realizar uma missão, encontrar o Santo Graal. D.

Nuno é o outro enviado capaz de garantir as vitórias guerreiras capazes de conduzir D. João, o eleito de Deus à condição de rei.

Segundo Teresa Amado, os dois heróis da *Crónica de D. João I* representam um o contraponto do outro. D. Nuno é apresentado com atributos de coragem, força e eficiência combativa, capacidade de perdoar e impaciência em momentos onde é necessária a tomada de decisões políticas. Já D. João, é prepotente no trato com os inferiores, mas adota atitudes cortesias e age corretamente ao adotar a prudência em situações politicamente delicadas (Amado 1991: 64). Desta forma, a indecisão de D. João é justificada pela gravidade das decisões que tinha que tomar e “em certos casos, pela lucidez moral e sentido das responsabilidades” (Amado 1991: 61).

A autora classifica D. Nuno como o “complemento na ação de D. João” (Amado 1991: 59). Assim podemos entender que na narrativa de Fernão Lopes, um não pode existir sem o outro. D. João é o eleito de Deus para ser rei, mas para que tal ocorra, necessita do braço armado de D. Nuno.

A ligação de ambos por toda a vida está simbolizada na narrativa do cronista pelo fato de que D. Nuno, feito escudeiro a pedido de D. Leonor Teles durante o reinado de D. Fernando, tenha usado o arnês de D. João. Como era ainda muito jovem e não encontraram naquela hora uma armadura que lhe coubesse, a rainha lembrou que D. João tinha um “*arnês que ouvera em seendo moço que seeria boom pera NunAllvarez*” (CDJ, I: 66-68). Desta forma, D. Nuno acabou por vestir a armadura daquele que seria o futuro rei de Portugal.



Figura 3. Xilogravura de Nun'Alvares na edição da *Crónica do Condestabre de Portugal* de 1554.

No final da I parte da *Crónica* são mencionadas inicialmente as qualidades de D. João que o levaram a ser merecedor de ser rei de Portugal. Já o último capítulo é dedicado a glorificar Nuno Álvares e se chama “*Como Nunalvarez foy feyto comdestabre e dallgu~us modos de seu viver*”.

Em primeiro lugar era *bom e fiel guerreiro*:

Da ardidez e boom rregimento, em que esta a prinçipall cousa da guerra, era elle assi comdido, que quem semelhamte a ell, amtre os mortaees quisesse buscar, assaz lhe seria de trabalho. E porem se escreve delle, que foi **grande e forte muro, e segumdo braço da deffemssom do reino** assi que com gram voomtade diziam del despois os poboos,: que

nehu~u poderá seer emlegido a semelhamte homrra, de que tantos proveitos vehessem ao rreino, e a alteza rreall como deste (CDJ, I: 425).

Vocábulos positivos são atribuídos por Fernão Lopes a ele: “estrela da manhã”, “claro em sua geração”, possuía “honesta vida e honrosos feitos”, agia com “discreta mansidão” e “bons costumes”, era um “louvado barão”, “brando era o seu castigo” e dava “grandes e louvados conselhos”.

Como cavaleiro que seguia as corretas regras morais, afastava seus homens dos vícios, como o jogo e as mulheres, que os desvirtuavam de seus afazeres guerreiros. Assim “*trazer molheres, nem jogo nehu~u era comssetido*” (CDJ, I: 425).

Sob sua influência, os homens pareciam pertencer a uma ordem religiosa-militar: “*de guisa que seu arreall, nom pareçia hoste de guerreiros, mas honesta rrelligiam de deffemssores*” (CDJ, I: 425).

A *Crónica do Condestabre* vai apresentar a história do “melhor cavaleiro de Portugal” (CC, 1972: 15). Vindo de uma linhagem importante, o pai havia fundando castelos, mas D. Nuno um reino, governado por uma nova dinastia. Porém o mais importante nesta construção da sua imagem era a relação dele com a religiosidade: “se a mãe foi devota e piedosa, agora vereis como D. Nuno foi **quase um santo**” (CC, 1972: 17).

D. Nuno teria analogia com Galaaz e ambos estariam próximos dos santos, pois segundo Fernão Lopes: “*hu tantas virtudes aviam morada (...) vicio algum podia ser hospede*” (CDJ, I: 426). Portanto, dois modelos regem a sua figura, a do *cavaleiro cristão*, que tem como atributos ser piedoso, justo, devoto e fiel ao rei e à “causa de Portugal” e o *modelo hagiográfico*.

Outra preocupação de D. Nuno segundo Fernão Lopes era a *proteção aos mais fracos*, procurando aplicar a justiça e não os desamparando, fornecendo-lhes víveres. Segundo o cronista:

Foi dalta e prudente conversaçom omde compria, e boa e amorosa aos de meor estado; e aos muito pequenos tam doce como parvo. **Avia compaixom dos pobres e minguados**, nom os leixamdo padecer injuria; e sua **larga mão, sempre era prestes a dar**, omde quer que humanall homrra ou spritual proveito comseguisa seu dom (CDJ, I: 426).

A *Crónica do Condestabre* dará detalhes da sua bondade frente aos pobres, uma característica fundamental do modelo do bom cristão:

foi em verdade, **caritativo com os pobres**. De todos os dinheiros que em sua casa vinham, de rendas, de ordenados ou de qualquer outra maneira, logo deles era apartado o dízimo, que todo era distribuído pelos pobres. Além disso, todos os anos dava de vestir aos pobres. (...) Quando o pão escasseava e encarecia, dava todo o pão que tinha a cavaleiros, escudeiros e pobres (CC, 1972: 203-204).

O mesmo documento chega a afirmar que num período de falta de pão em Castela enviou pão para os castelhanos necessitados:

E quando lhe disseram que essa gente padecia de fome, encarregou dois pobres da sua confiança, que corresse toda a comarca, e lhe trouxessem por escrito o nome de todos os homens, mulheres e criaturas pequenas, que à míngua de pão, tinham partido de Castela. E, depois que o soube, mandou dar a cada um, homem, mulher ou menino, quatro alqueires de trigo cada mês (CC, 1972: 205).

Outra característica importante do cavaleiro era a sua devoção. Assim, sempre lembrava dos “divinaes offiços” e tinha “limpa comçiemçia”. Sobre a piedade deste cavaleiro-modelo, considerava que os nobres deveriam dar o exemplo aos “simples” através do seu comportamento. Assim,

Elle foi ho primeiro que começou cada dia ouvir duas missas, dizendo que assi como os senhores tiñham avamtagem de m~udanall exçellemçia sobre o outro comu~u poboo, assi nas sprituaaes obras deviam teer grande melhoria (CDJ, I: 426).

D. Nuno além disso participava sempre das procissões “*com camdeas nas mãos segumdo o dia em que era, ouvimdo sua preegaçom e offiçio, o mais honesto e devotameente que sse em taaes logares fazer podia*” (CDJ, I: 426).

De acordo com a *Crónica de D. João I*, ele vencía sempre as batalhas pela inabalável crença em Deus, pois tinha:

firme esperamça, que no mui algo Deos s~epre ouve, feita primeiro sua devota oraçõ aaquell Senhor em cujo poder he todo vemçimento, led e sem nehu~u rreço pellejava sempre com os emmigos (CDJ, I: 426).

Um outro episódio que lembra o valor guerreiro de D. Nuno é o da Batalha de Atoleiros (1384). O capítulo é intitulado: “*Como Nunallvarez pos Batalha aos Castellaños, e os Vemçeo e Desbaratou.*” Antes da batalha, ele reuniu seus homens e para animá-los diante da superioridade castelhana, disse a eles que se lembrassem de quatro coisas: 1) que se encomendassem a Deus e à Virgem, que os ajudariam contra os inimigos naquela querela justa; 2) que estavam ali para defender a si próprios, suas casas, seus bens e para livrarem-se da “sujeição ao rei de Castela”; 3) que estavam ali para servir a D. João, seu senhor e alcançar a honra que Deus logo lhes daria; 4) que todos deviam se esforçar na batalha (CDJ, I: 179-183).

Depois de afirmar isso, D. Nuno fincou os joelhos na terra, fez a sua oração à imagem do “*Crucifixo, e da sua preciosa Madre que tragia pintada em sua bandeira, e isso meesmo todollos seus os goelhos em terra com as mãos alçadas sua oraçom*” (CDJ, I: 181).

Graças a esta atitude piedosa, D. Nuno foi vencedor no combate. A pintura da Virgem na bandeira de D. Nuno lembra o papel da Santa de protetora a outro *herói guerreiro*: Artur. Antes de sua imagem aparecer nos relatos da Europa Ocidental como a de um rei perfeito, Artur foi descrito nos relatos latinos inicialmente por Nennius, um historiador galês que o apresentou como um *dux bellorum* ou chefe guerreiro na obra *A História dos Bretões* (800).

Assim como ocorreu com o herói D. Nuno, um dos fatores que garantiam a invencibilidade do guerreiro bretão era o fato de *trazer pintada em seu escudo a imagem de “Maria sempre Virgem”*. Desta forma, Artur conseguiu vencer doze batalhas contra os saxões, inimigos dos bretões, chegando a matar em um só dia, novecentos e sessenta homens de acordo com o relato mítico de Nennius, sempre invocando o nome de Santa Maria (Nennius 2003: 244).

A imagem de D. Nuno associado a personagens arturianos como Galaz e ao ímpeto guerreiro de Artur é lembrada por Fernando Pessoa num dos poemas do livro *Mensagem* (1934):

Que Aureola te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca

Seu azul negro e brando

Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida
Que o rei Arthur te deu

Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver! (Pessoa 1997: 147)

Assim, de acordo com Fernando Pessoa já no século XX, D. Nuno recebe do rei Artur a espada Excalibur para defender o reino português. Assim o poema confirma a fixação no imaginário da ligação do condestável português a Artur e aos seus cavaleiros, e em especial a Galaaz, confirmando assim o seu papel de elemento fundamental para garantir a vitória portuguesa contra os castelhanos, um papel que une a força à santidade.

Por todos os seus atributos de bom cavaleiro, bom cristão, generoso e protetor dos fracos, D. Nuno merecia ser louvado por Fernão Lopes: “*assi no temporall come spirituall, vivo e depois da morte, sempre foi avudo em grande rreveremça de todo ho poboo*” (CDJ, I: 426).

Seguindo o modelo cristão apontado em *A Demanda do Santo Graal*, ao final da vida entrou para o Mosteiro do Carmo. Naquela narrativa, Galaaz e Persival morrem depois de completada a demanda, já Boorz retorna a Camelot e torna-se ermitão.

Nuno Álvares entra para a vida religiosa aos sessenta e um ou sessenta e dois anos, em 1422. Desfez-se dos seus bens, doando-os aos seus parentes e mandou construir o **Mosteiro do Carmo** em Lisboa. Segundo a *Crónica do Condestabre*: “Repartiu por cavaleiros, escudeiros e pobres, todo o ouro e prata, dinheiro, jóias, armas, roupas, muito pão e azeite”, além de ter perdoado todas as dívidas (CC, 1972: 225).

Morreu aos setenta anos e após a sua morte muitos milagres foram feitos no local de seu túmulo: “*E, se muitas obras o Condestável fez em sua vida, ainda hoje e depois de sua morte, Deus, por sua mercê, fez e faz muitos milagres naquele lugar onde seu corpo jaz*” (CC, 1972: 228). Segundo a sua crônica, tal como outros santos ele se apartou do mundo para servir a Deus e faleceu com cheiro de santidade (CC, 1972: 219).

Para A. J. Saraiva, D. Nuno entrou para a Ordem do Carmo porque em virtude de ser uma ordem pouco influente em Portugal ele pôde ter ali um papel relevante, nomeando quem ia dirigi-la, o que não conseguiria fazer em outras ordens mais importantes, as quais não aceitariam tal atitude. D. Nuno podia também expulsar os frades que não tivessem papel exemplar e nomear quem quisesse, ficando “*não apenas administrador, mas de facto chefe da Ordem*” (Saraiva 1988: 214).

Segundo o mesmo autor, “*tudo se passa como se o herói quisesse exercer uma primazia religiosa depois de ter sido um grande chefe militar. E isso só poderia ser conseguido apoderando-se de uma ordem que pouco mais era do que um nome, dando-lhe realidade e consistência com parte de sua fortuna*” (Saraiva 1988: 214).

A construção da igreja do Convento do Carmo chamada de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo também competiria com a Igreja da Batalha (Santa Maria da Vitória), edificada a pedido de D. João I.

É interessante observar com mais detalhes algumas características deste nobre que influenciou D. Nuno, Galaaz. Este é caracterizado como o modelo de cavaleiro

perfeito. No romance *A Demanda do Santo Graal* é devido a sua alta religiosidade e pureza de coração que ele encontra o Graal, o Vaso com o sangue de Cristo na cruz. É ele também quem tem as mais altas revelações durante a demanda.

Galaaz possui uma beleza que se expressa tanto interna quanto externamente. Para os medievos, a beleza mais importante era a beleza da alma, mas o belo também podia converter-se em outros valores positivos como o bom, que era associado a Deus (Eco 1989: 20-27). Segundo Santo Tomás de Aquino, havia três tipos de bem: bem útil, bem deleitável e bem honesto. O bem honesto é desinteressado, possui algo de espiritual. É neste tipo de bem que o belo e o bem se confundem (Bayer 1993: 90). Assim, a beleza interior de Galaaz, sua pureza se mostra também na sua aparência. O rei Peles (o rei pescador), emite o seguinte sobre o cavaleiro:

Filho, **Santo Cavaleiro** e santa Gusa, comprido de gram direito, Rosa Direita e Lírio me semelhas diretamente porque **és limpo de toda a luxúria**. Rosa me semelhas tu diretamente porque **és mais fremoso de outro cavaleiro** e melhor e de melhor donairo, **comprido de todaslas virtudes e de totalas boas manhas do mundo** (DSG, 1995: 435).

Portanto de acordo com o texto, o motivo de Galaaz ser o melhor cavaleiro, aspecto que se expressa também no físico é a sua ausência de vícios (dentre os quais o mais enfatizado pelos *oratores* era a luxúria) e o fato de possuir todas as virtudes desejadas num cristão: preocupava-se sempre em rezar e pedir perdão a Deus, era virgem e casto e também se alimentava frugalmente, numa atitude de desprezo aos prazeres carnis.

No primeiro ataque do rei Mars, inimigo de Artur ao reino de Logres, Galaaz sai da demanda e derrota praticamente sozinho os inimigos.

O cavaleiro perfeito tem analogias com o próprio Cristo. Ainda que Cristo seja considerado o “rei dos reis” na Idade Média, em *A Demanda do Santo Graal* os atributos espirituais de Galaaz o levam a agir quase como um religioso. Embora tenha habilidade com as armas, passa toda a demanda a jejuar e rezar e veste uma estamemha (blusa de lã com farpas que feriam a pele), o que reforça sua condição de penitente.

Em uma ocasião pede a um paralítico que o ajude a levar uma mesa. O homem retruca que não podia mover-se sozinho ao que Galaaz afirma: “(...) *disse Galaaz; levate suso e nom hajas pavor, ca tu és são. E Galaaz êsto dizendo, provou o homem se se poderia erguer, e achou-se são como se nunca houvesse mal*” (DSG, II: 409-411). Tal atitude além de outras curas realizadas pelo eleito de Deus, como expulsão de demônios e cura de leprosos fazem Galaaz lembrar os feitos bíblicos de Jesus. Inclusive os inimigos não conseguiam vencer Galaaz nem por artifícios. Num episódio da *Demanda*, o rei Mars tenta envenenar o cavaleiro, mas o veneno não faz efeito, por interferência divina. Por isso, é possível afirmar que o personagem está mais ligado ao Reino Celeste que ao Terrestre. Quando o Graal retorna aos céus, Galaaz morre e ascende ao Céus com os anjos (DSG, II: 412-413).



Figura 4. Galahad, Perceval e Bors contemplan o Santo Graal. Ilustração de Messire Lancelot du Lac, de Gautier Map. Ms. Fr. 112, f. 79 v, França, século XV. Biblioteca Nacional da França.

O nobre ideal é totalmente fiel ao monarca. Por isso, Nun'Álvares, representa o cavaleiro perfeito que de boa vontade se submetia ao soberano por reconhecer nele as qualidades de chefe que o tornariam rei. Este monarca, de acordo com a descrição do advento da “Sétima Idade”, manteria um novo equilíbrio social, atendendo algumas demandas dos setores mercantis, nobilitando alguns de seus membros e se apoiaria em elementos secundogênitos que haviam aderido à causa do Mestre.

Num exemplo significativo do relato, D. Nuno se ajoelha de boa vontade diante do Mestre antes ainda de sua eleição como monarca. Este quer impedir o nobre:

Nuno Alvarez se ficou em joelhos antelle por lhe beyjar as mãos, e o Meestre o nom quis cõssemtir; e ell estamdo em geolhos antelle, trabalhava por lhas beyjar e o Meestre por o levamtar, dizemdo que nom era tall como elle, pera lhe darem a beyjar as mãos (...) (CDJ, I: 322)

De um lado temos a recusa em D. João de que D. Nuno realizasse tal ação e de outro D. Nuno, que insistia por reconhecer em D. João a qualidade superior de nobre acima dos demais que o qualificava como rei. Por isso, D. Nuno consegue realizar o seu intento: “*E em fim de suas rrazões, NunAllvarez numca sse quis levamtar ataa que o Meestre conssemtio de lhe beijar as mãos; emtom se levamtou e foromsse ambos pera a camara (...)*”(CDJ, I: 322).

Assim, a mensagem sutil de Fernão Lopes era que se o nobre mais perfeito do reino se submetia a D. João, todos os demais deveriam fazê-lo também.



Figura 5. Estátua de Nuno Álvares Pereira em Ourém, Portugal.

Além disso, o cronista sempre relaciona perfeição e religiosidade. Assim, o pai de Nun'Álvares afirma mais tarde que o filho “*em todallas batalhas que emtrasse, seempre dellas seeria vemçedor, com tanto que sse chegasse a deos em todas suas obras e neh~u~ua cousa fezesse em seu deserviço*” (CDJ, I: 67).

Importante lembrar que sempre aparecem as qualidades de homem de fé, de saber e que exercia a largueza, preocupado em agradar a Deus e a população em geral, o que confirmaria o discurso do cronista acerca da idéia do Messias de Lisboa.

Uma das características é que ele tem ao seu lado, sempre um grupo de fiéis que não aceitam a submissão ao rei de Castela. Assim, no capítulo 67 aparecem escudeiros que se recusam a prestar homenagem ao rei de Castela:

sabee que elles nem eu **nom temos voomtade per neh~ua guisa de tomarmos solldo do rei delRei de Castella, nem vosso pera o aver de servir**; ante nos partiremos todos de vos, que avemos de tomar seu soodo nem seermos seus. **Mas sse vos quiserdes teer a teemçpom do Meestre e de Lixboa, digovos que nom avees mester ouro nem prata, nem outro dinheiro que nos dees; mas todos de booa voomtade despenderemos os corpos e vidas, e quamto teemos por vos servir e morrer com vosco hu quer que vos fordes**; e esta he nossa finall emteemçom, da quall já nom teemos de desviar (...) (CDJ, I: 131)

Em contraponto com eles Fernão Lopes apresenta os *fidalgos cobiçosos*, favoráveis ao rei de Castela. É possível ver neste caso os *adjetivos negativos* utilizados pelo cronista, o que mostra de forma clara a oposição entre os bons portugueses, expressos no ideal de D. Nuno e os maus, conforme pode ser visto abaixo:

emtanto que posto que o amor da terra e naturall afeiçom costangesse mujitos fidallgos e alcaides de castellos a teer com Portugall, ante que com Castella; outros porem avia hi taaes, que husando de **cobiça** mesturada com **emteemçom maliciosa**, e dellles com temor e rreço de cada hu~u perder sua homrra, desi cobrar outra mayor da que tiinha, lhe fez de todo escolher o comtraio; per tall modo que foi o rreino deviso em ssi, e partido em duas partes. **E mui poucos lugares e fidallgos tomarom voz do Meestre pera o ajudar, e todollos outros se derom a elRei de Castella obedeeçemdo a sseu mandado** (...) (CDJ, I: 133)

Fernão Lopes aponta assim que a maior parte da nobreza portuguesa ficou ao lado do rei de Castela e poucos seguiram aquele que era o eleito de Deus, o Messias de Portugal, D. João.

D. Nuno, o cavaleiro ideal, sofre a *inveja* dos próprios nobres que apoiavam D. João. Segundo o cronista, eles haviam combinado que discordariam de qualquer opinião de Nuno Álvares relativa à guerra, mesmo que fosse boa, com o intuito de promover a discórdia entre o Mestre de Avis e seu chefe militar. Ao perceber tal atitude, D. Nuno adota a simplicidade, segurança e complacência com relação aos companheiros. Ele *ri* de tal manobra. Já D. João fica descontente com esta atitude dos nobres e procura dissuadi-los de tal comportamento. No episódio parece que o problema da inveja foi solucionado, mas vários outros são citados nas crônicas de D. João e do Condestabre. É interessante observar a descrição na *Crónica de D. João I*:

NunAllvarez veemdo esto **começou de rriir, sabemdo bem parte porque o faziam**. O Meestre quamdo vio pregumtoulhe por que assi rria; e ell lhe comtou todo como era, e por que desacordavom do que ell dezia; **o Meestre se maravilhou muito de tall emveja**, e teve com elles jeito em lhe fallar, de guisa que nom tenerom mais tall teemçom, e foro dalli em deamte todos em hu~u acordo.

Assim, Nuno Álvares é um modelo de nobre porque além de ser piedoso, bom cristão, preocupado com os pobres e obediente à autoridade do Mestre de Avis, era ainda condescendente com os invejosos, motivos que o tornavam um ideal a ser seguido pela nobreza portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da imagem de Nuno Álvares Pereira na *Crónica de D. João I*, inspirada na *Crónica do Condestabre* tinha como modelo de conduta o personagem Galaaz, exemplo perfeito de cavaleiro cristão, virgem e vencedor de todas as batalhas que participou. A simbologia de D. Nuno congrega em si os aspectos hagiográficos e cavaleirescos em total obediência ao monarca, motivos que o tornavam um modelo desejável que a Dinastia de Avis pretendia apontar para ser seguido por todos os nobres do reino.

Ao contrário da tradicional nobreza portuguesa que até então tinha um caráter peninsular e em sua maioria apoiava o rei de Castela – por esse motivo apresentada no relato de Fernão Lopes como os “enxertos tortos” da mansa oliveira portuguesa –, D. Nuno apresenta os elementos do cavaleiro cristão, tal como Galaaz. Era justo, casto, obediente ao rei, bom cristão.

Este modelo de cavaleiro que simbolicamente, como D. Nuno, se ajoelhava reconhecendo a autoridade do chefe, era o desejado pela nova dinastia, a qual apresentou em seus escritos – a Prosa de Avis, normas de conduta estimulando a monarquia e a nobreza a adotarem a atitude da temperança. Quanto aos nobres, além do controle das emoções, deveriam em primeiro lugar a obediência aos superiores e mais especificamente, ao rei.

FONTES PRIMÁRIAS

- A Demanda do Santo Graal* (DSG) (ed. Crítica e fac-similar de Augusto Magne). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. I (1955) e v. II (1970)
- A Demanda do Santo Graal*. Ed. de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.
- CHRÉTIEN DE TROYES. “Lancelot, o Cavaleiro da Charrete” In: *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 119-197.
- Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira* por Autor Anônimo do Século XV. Adaptação de Jaime Cortesão. Lisboa: Sá da Costa, 1972.
- FERNÃO LOPES. *Crónica de D. João I*. Lisboa: Livraria Civilização, 1990, 2 vols.
- NENNIUS. *História dos Bretões*. Apresentação, tradução e notas de Adriana Zierer. In: COSTA, Ricardo (Org.). *Testemunhos da História. Documentos de História Antiga e Medieval*. Vitória: EDUFES, 2003, pp. 209-253.

BIBLIOGRAFIA

- ACCORSI Jr., Paulo. “Do Azambujeiro Bravo à Mansa Oliveira Portuguesa”. *A Prosa Civilizadora na Corte do Rei D. Duarte (1412-1438)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Dissertação de Mestrado, 1997.
- AMADO, Teresa. *Fernão Lopes, Contador de História*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.
- BAYER, Raymond. *História da Estética*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- DUBY, Georges. “Chevalerie” In: *Dictionnaire du Moyen Âge. Histoire et Société*. Paris: Encyclopaedia Universalis/Albin Michel, 1997, pp.229-233.
- ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, 2 vols.
- FERREIRA, Maria da Conceição. “Imagens dos Reis na Cronística Medieval”. In: MORENO, Humberto Baquero (coord.). *História de Portugal Medieval*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995, pp. 15-19.
- MARQUES, A.H. de Oliveira. “Fernão Lopes”. In: SERRÃO, Joel (Dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1976, pp. 56-57.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- MEGIANI, Ana Paula Torres. *O Jovem Rei Encantado. Expectativas do Messianismo Régio em Portugal, séculos XIII a XVI*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- MONGELLI, Lênia Márcia. *Por quem Peregrinam os Cavaleiros de Artur*. São Paulo: Íbis, 1995.
- MONTEIRO, João Gouveia. *Fernão Lopes, Texto e Contexto*. Coimbra: Minerva, 1988.
- MORENO, Humberto Baquero (coord.). *História de Portugal Medieval*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995, pp. 15-19.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. In: *Poemas Escolhidos*. Rio de Janeiro: O Globo/Klick Editora, 1997.
- REBELO, Luis de Sousa. *A Concepção de Poder em Fernão Lopes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.
- SARAIVA, A. H. e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Ed., 1978
- SARAIVA, António José. *Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1988.

- SOUZA, Armindo de. *História de Portugal* (Dir. de José Mattoso). Lisboa: Editorial Estampa, v.II, s/d.
- VENTURA, Margarida Garcez. *O Messias de Lisboa – Um Estudo de Mitologia Política (1383-1415)*. Lisboa: Cosmos, 1992.
- ZIERER, Adriana M. de S. *Paraíso, escatologia e messianismo em Portugal à época de D. João I (1383-85/1433)*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004.
- _____. “Paraíso versus Inferno: A Visão de Tândalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (Século XII)”. In: FIDORA, Alexander e PASTOR, Jordi Pardo (coord). *Expresar lo Divino: Lenguage, Arte y Mística. Mirabilia. Revista de História Antiga e Medieval*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio/J.W. Goethe-Universität Frankfurt/Universitat Autònoma de Barcelona, v.2, 2003a, pp. 137-162. Na Internet: *Mirabilia 2*, 2002. Disponível em: www.revistamirabilia.com Último acesso: 10/11/2007.
- _____. “Artur como Modelo Régio nas Fontes Ibéricas Medievais (Parte I)”: *A Demanda do Santo Graal. Brathair 3 (2)*, 2003b, pp. 31-44. Disponível em: www.brathair.com Último acesso: 10/11/2007.
-

NOTAS

¹ Todos os grifos nas citações são meus.

² Sobre o episódio da paixão da donzela, filha do rei Brutos e suas conseqüências, cf DSG, pp. 90-98.

³ Pedro Afonso, conde de Barcelos era filho bastardo do rei D. Dinis (1279-1325). A ele também é atribuída a autoria da *Crônica Geral de Espanha de 1344*.

⁴ Termo cunhado pela historiadora Vânia Fróes.